Gerar – Parir – Cuidar

Experiências de vida e morte... também na escatologia

ABRINDO A REFLEXÃO...

Refletir sobre "vida" é algo gratificante e complexo. Ela já começa bem antes de podermos ver o ser vivente. Ela entra na discussão sobre condições objetivas e subjetivas de vida. Ela está na pauta, quando se fala sobre controle de natalidade e aborto. Onde quer que estejamos, lá também está a "vida". Vida abundante ou mendicante. Vida curta ou longa. Feliz ou infeliz.

É com ela que vamos conversar com a Bíblia. E vemos que também a Bíblia está cheia de vida. É testemunho em meio a mecanismos de morte. Gostaria de me ater, aqui, a um espaço/tempo de vida muito importante para todos os seres. Trata-se do tempo de gestação, de parto e do período de resguardo e amamentação. Motivos pessoais levaram-me a escolher este tema. Tive duas gravidezes, cada qual com suas alegrias e dificuldades próprias. Dois filhos. Dois seres queridos, em semelhanças e muitas diferenças. Cada qual com suas necessidades. Duas grandes lutas e certezas. E eu, como outras mulheres, com expectativas, ansiedade, dores e alegrias...

Interessei-me em perguntar ao Novo Testamento o que ele fala sobre tais experiências. Não é muita coisa. Mas já é tanta coisa, que não será possível trabalhar tudo neste artigo. Os termos referentes a este tema são p. ex. *tikto*/ "dar à luz", *guennáo* "nascer", *koilía*/*gastér* / "útero", *mastós* / "seio", *thelázo*/*tréfo* / "amamentar", *odívein*/*stenázo* / "dores de parto".

São poucas as narrações sobre nascimentos concretos. E aqui há algo de especial, talvez típico para os textos bíblicos. A linguagem que elabora e transmite a experiência da reprodução permeia de igual forma tanto a origem da história de Jesus e de João Batista quanto algumas primeiras produções escatológico-apocalípticas neotestamentárias. Redescobrir isto é algo novo na nossa teologia. A experiência tão genuína e propriamente feminina faz parte das expressões da experiência e reflexões de fé das primeiras comunidades cristãs.

No processo de repressão à sexualidade, no entanto, as cartas "pastorais", a patrística e os apologetas vão abandonar este modo de falar, reflexo de seu próprio modo de pensar e agir. O ápice deste processo encontra-se então na Idade Média, onde todas as experiências relacionadas à sexualidade vão ser tratadas com mentalidade e linguagem misóginas, de ódio às mulheres. Isto se reflete também nos comentários bíblicos e nos artigos especializados sobre termos aqui abordados. Estes não consideram e por isto não entram na *realidade* da vida de mulheres, da qual se emprestou esta linguagem para usá-la também no nível teológico.

Neste artigo, faço uma pequena seleção temática de textos e abordo algumas questões sócio-históricas a respeito de gestação, parto e período pós-parto. Associações e críticas vão surgindo na medida em que o horizonte da realidade vai aflorando, deixando entrever também na elaboração escatológica todo o belo e angustiante de processos reprodutivos.

1. "BEM-AVENTURADO O ÚTERO QUE TE CARREGOU E OS SEIOS QUE MAMASTE!"

O Novo Testamento está cheio de surpresas. Uma delas é esta afirmação profano-corporal, em Lc 11,27. Uma mulher é motivada pela atuação do Jesus-Adulto a proferir uma bem-aventurança para Maria de Nazaré, mãe deste Jesus. Esta mulher que o texto deixa incógnita, sem-nome, tem a sabedoria de vida para reconhecer que um filho carrega consigo orientações e impulsos de vida desde o útero. É graças àquele útero e graças àqueles seios que agora este Jesus pode viver e reconstituir vida digna para outras pessoas! Aquela mulher também poderia ter dito "Bem-aventurada a que te criou/que creu...". Mas não! Ela faz questão de relembrar o que é central na origem e no desenvolvimento da vida: a sexualidade, a ternura, o alimento que possibilita vida. A vida do filho adulto reporta à sexualidade e à saúde da mãe!

Jesus de Nazaré, assim como João, passou pelo trabalho criador e produtivo de sua mãe. Ele próprio, como qualquer outra pessoa, participou do trabalho de parto para poder viver. Estas duas dimensões são bem descritas como os verbos gregos *gastér échusa* / "estar grávida" e *tíkto / guennáo*/ "dar à luz"/ "nascer" (p. ex. Lc 1,13.31.35.57; 2,6.7.11; Mt 1,16.18.20-21.23.25; 2,1.4; Jo 18,37). Não há detalhes sobre o nascimento de Jesus. Temos apenas a afirmação, em Lc 2,6-7, de que quando os "dias estavam completos, Maria deu à luz seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria". Mt 2,1 nos traz apenas o "fato consumado", e depois a fuga para o Egito, sem esquecer todas as histórias sobre os pastores, os reis magos etc. Aliás, histórias por demais conhecidas e repetidas nas noites natalinas...

Mas, e Maria? Viajar sobre um burrinho, entrando em trabalho de parto. Parir... na estrebaria. A fuga para o Egito no pós-parto, em tempo de resguardo... Condições de higiene e humanidade? Quando falamos de "saúde da mulher" em nossas pastorais deveríamos sempre lembrar também desta Maria nestas condições! Nos dois evangelhos nada é dito sobre o sofrimento, a ansiedade, o medo, a solidão, pelos quais ela certamente também passou. A redação da história do nascimento de Jesus já faz parte da afixação de uma imagem ilusoriamente

gloriosa e dialeticamente submissa, calada de Maria. Uma Maria que tudo agüenta, tudo suporta... Tão diferente daquela que entoa o Magnificat! Ela participa do plano salvífico de Deus, e exatamente neste plano há espaço também para os gemidos e os gritos de uma parturiente, como ainda veremos adiante.

Para Mateus e Lucas não interessava algo sobre a humanidade de Maria, muito menos explicitar algo sobre sua sexualidade! Sua intenção era afirmar a humanidade de Deus que, na sua divindade, também passa por processos intimamente humanos. Não são as dores de Maria, mas o nascimento de Jesus que está no centro dos relatos. Com isto, contudo, os textos passam a ingênua imagem que tudo correu anormalmente naquela estrebaria. Por isto mesmo é que esta estrebaria acabou sendo enaltecida, idealizada e tão bem ornamentada nas festas natalinas. Quem sabe é também desta parte da tradição cristã que provém a idéia até hoje existente que a parturiente não deva gritar, gemer... só baixinho, na hora do parto? Afinal, desta tradição faz parte também Gn 3,16, assumido em 1Tm 2,15 e outros, e para tal as dores do parto devem lembrar-nos que são conseqüência do "pecado" de Eva... Há, portanto, uma longa tradição de culpabilização e repressão não só da sexualidae, do prazer de mulheres, mas também das expressões de dor e alegria no ato de parir.

Somente a mulher desconhecida no meio do povo soube resgatar dignamente parte da sexualidade de Maria! Declarou-a bem-aventurada, cantando um hino de louvor à sexualidade!

A linguagem fatídica do nascimento, sem menção da multiforme experiência da mulher-mãe, acontece também em relação a João Batista e sua mãe Isabel (Lc 1,13.57). Assim, também temos outras breves notícias sobre o nascimento de crianças. Em Jo 9,2.19-20.32, por ocasião de um milagre de Jesus, ficamos sabendo de um *cego de nascença*. Em Mt 19,12, Jesus afirma que podem existir *eunucos de nascença* e por opção. O termo *koilía* / "útero", "barriga" expressa o lugar de formação/criação desta vida. Ele era pouco usado no mundo grego, mas desde o Antigo Testamento descrevia-se, com ele, o interior escondido do ser humano, sendo também lugar de pensamentos e sentimentos. Ao lado deste termo, existe também *gastér* / "barriga", "estômago", "útero", mais conhecido na cultura grega. Na medicina, através do médico grego Hipócrates, o termo *gastér échusa* passou a designar uma "mulher grávida". Esta é a linguagem usada também para descrever a gravidez de Isabel e Maria.

Nas histórias de nascimento de João e de Jesus, as parturientes-mães Isabel e Maria aparecem totalmente passivas, num clima anormal. O que há de bastante normal é o gesto de solidão solidária das mulheres, quando Maria visita e fica três meses na casa de Isabel! De José e Zacarias nada se sabe...

Depois do levantamento da situação textual, uma exegese feminista sócio-histórica deve recorrer a outros documentos para melhor entender a situação de gestação e parto dentro daquele contexto. É o que faço rapidamente agora.

Plínio, em sua "História Natural", e Gélio, em suas "Noites Áticas", nos colocam a par dos conhecimentos médicos da época, da idade das parturientes, do tempo de gestação, dos abortos e das formas e perigos de parto. Contam-nos também sobre superstições e simpatias, sabedoria popular acerca de bons e maus

partos. Diz Gélio: "Se a parturiente bocejar durante o parto, isto pode pôr a vida em perigo. Igualmente, se a mulher espirrar após o coito, a conseqüência será um parto precoce" (*Noites Aticas* III, 16). Sobre os perigos que mulheres e crianças correm por ocasião do parto, no qual o bebê não se encontra na melhor posição, diz Plínio: "Corresponde à característica da natureza que a pessoa nasce com a cabeça para a frente, mas é costume que ela é carregada ao túmulo com os pés para a frente" (*Hist. Nat.* VII, 45). Plínio, o Jovem, diz que é a ignorância das adolescentes que as coloca em extremo perigo de vida por ocasião da gravidez e do parto (Cartas VIII, 10-11). No primeiro e segundo séculos já era conhecida a função do útero. Os médicos Sorano (de Éfeso) e Galeno sabiam que o útero tem a capacidade de reter e de expelir o embrião/feto, o que indica para a realidade de abortos. Mesmo conhecendo a importância da musculatura do útero, Galeno afirmou, pela primeira vez, que o ato de 'expelir' a criança é tarefa da parturiente.

Estes e muitos outros documentos estão escritos numa perspectiva androcêntrica e a maioria, quando aborda a temática da reprodução, visa à manutenção (dos interesses) do Estado patriarcal. Somente de leve aludem ao fato de mães e crianças morrerem por ocasião do parto ou no pós-parto. Sem dúvida, não são estes escritos androcêntricos que nos oferecem uma visão mais real e humana do parto. Detalhes mais próximos das experiências das mulheres encontramos em *epigramas e inscrições*. Aqui temos algumas informações mais precisas e detalhadas. Para a melhor posição durante o parto, recomendava-se ficar gostosamente estendida, mãos abertas, órgãos relaxados, tudo para facilitar o nascimento. Muito difundido também era o parto de cócoras. Ninguém desconhecia o fato de que o parto era um *evento doloroso e perigoso* para mulheres, comparando-se inclusive os ferimentos de guerra com as dores de parto. Inscrições em túmulos falam claramente deste lado do parto. Cito algumas[1]:

"No meio de contrações dolorosas, o destino pôs fim à sua vida e ela deixou em casa, junto ao pai, a criança órfã de mãe".

"Dores de parto levaram Agatocléia ao Hades".

"Vencida no último parto por contrações precoces".

Muitas mulheres também morriam no período pós-parto, no tempo do resguardo:

"A que pariu duas vezes, mas que tornou-se mãe somente uma vez, Plauta, morreu por doença no resguardo".

"... tendo visto sua terceira criança, acabou morrendo no décimo-primeiro dia".

"Com o corpo pesado, em meio a contrações, largou o seu fruto. Ela foi mãe somente por curto espaço de tempo, e também a criancinha morreu logo".

"... e aquela que me deu à luz apenas trocou as contrações por luto".

1. Inscrições traduzidas por mim e extraídas de Luzia SUTTER REHMANN, veja bibliografia.

Toda a experiência de mulheres durante a gravidez e principalmente no parto e pós-parto é descrita, em *túmulos,* em forma de *poesia*, e *quer lembrar social e publicamente do destino particular e coletivo destas mulheres*! Esta é a *literatura* que está mais *próxima da vida das pessoas mortas*. Quanta diferença para com os grandes livros e tratados de famosos escritores da época!

Também as histórias do nascimento de João e de Jesus devem ser lidas e interpretadas neste pano-de-fundo histórico. Os medos, as ansiedades, os perigos, as orações estavam presentes a cada pensamento e a cada passo de Isabel e Maria. É aqui que devemos entender os três meses que passaram juntas... Como esquecer ingenuamente de tudo isto, quando lemos e pregamos sobre o nascimento do Salvador, quando falamos da *viagem* de Nazaré a Belém, estando Maria para dar à luz? Como esquecer disto, quando anunciamos o nascimento do Menino-Deus na *estrebaria* em precárias condições de higiene e cuidados, motivos principais da morte de milhares? Como esquecer da solidão de Maria que pariu sozinha, talvez com a ajuda de José? Como falar libertariamente da proposta exódica de Jesus, quando precisam *fugir* para o Egito, sem lembrar que Maria está amamentando seu filho? Aliás, não dá para ignorar tudo isso, pois esta continua sendo a situação de milhares de mulheres e crianças ainda hoje em nosso meio...

Portanto, quando falamos de Maria e do nascimento de Jesus, é necessário redescobrirmos também a importância de mantermos viva a memória daquela mulher no meio da multidão que resgatou uma parte da história real, da sexualidade e da saúde de Maria!

Nos relatos de nascimentos concretos, no Novo Testamento, não temos, como vimos, menção das angústias, contrações, sofrimentos e alegrias das mulheres. Isto não significa, como também vimos, que os autores e as pessoas que liam seus escritos não conhecessem também este lado da vida!

As experiências femininas da gestação, contração, angústia, dor e expectativa pela vida nova criada são usadas e têm relevância num outro e bem determinado *lugar teológico* no Novo Testamento: na elaboração da certeza escatológica e da esperança e sofrimento apocalípticos! É, pois, no setor reflexivo que temos acesso às experiências reais e concretas de mulheres. É aqui que *mulheres estão testemunhando e legando sua experiência para a produção teológica.* São sujeito ativo. Estas experiências reais foram comparadas por Homero aos sofrimentos de guerra. Os teólogos e teólogas cristãos do primeiro século vão compará-las aos sofrimentos dos "últimos tempos". Trata-se, aqui e lá, de uma luta de vida e morte!

2. "BEM-AVENTURADAS AS ESTÉREIS E OS ÚTEROS QUE NÃO GERARAM E OS SEIOS QUE NÃO AMAMENTARAM!"

Esta é uma segunda bem-aventurança (Lc 23,29) que tem como ponto de referência comparativo a sexualidade de mulheres. Ambas constam apenas em Lucas. O conteúdo da segunda, porém, é totalmente oposto ao da que vimos acima. Aqui são benditas as mulheres que não têm, não podem ter crianças! O contexto desta elaboração é apocalíptico-escatológico.

Paralelamente a esta bem-aventurança é dito um "ai", em Mc 13,17 (Mt 24,19; Lc 21,23): *"Ai das que estão grávidas e das que amamentam naqueles dias!"*

Dentro de toda a perícope apocalíptica da "grande tribulação", apenas este versículo é igual, palavra por palavra, nos três evangelhos sinóticos. Há uma inversão de "maldição" e "bênção". Normalmente eram tidas como objeto da "maldição" as mulheres que não tinham crianças. Aqui, inverte-se o paradigma. Por que será que acontece isto?

Uma leitura feminista sócio-histórica ajuda a compreender a questão dentro de seu contexto maior?[2] Pessoas que sofrem sob o sujo e violento jogo opressor, como era o Império Romano e suas estruturas hierárquicas de poder, justificadamente anseiam pelos "últimos tempos", querem a vinda plena do Reino de Deus. Isto se expressa na expectativa apocalíptica de juízo e de salvação. Guerras e outros sofrimentos oriundos de uma política de dominação fazem parte de experiências opressoras (veja Mc 13 e paralelos) e são até entendidos como parte de um final que acabará bem para as pessoas crentes.

Dores de contração, dores de parto são imagens usadas para falar das dores do tempo final, que já é assinalado pelas catástrofes do presente. O pano-de-fundo histórico-social das afirmações de Mc 13,17 par. e Lc 23,29 são as realidades experimentadas na guerra dos romanos contra o povo judeu ("Guerra Judaica"). Luise Schottroff juntou e organizou vasto material demonstrativo para o fato de mulheres grávidas e as que estão amamentando, bem como os bebês, tornarem-se as primeiras vítimas tanto nas guerras e outras catástrofes quanto nas fugas das guerras e catástrofes. Já nas fugas, antes que os inimigos p. ex. cortem e abram os corpos das grávidas e destrocem os recém-nascidos, elas já são as primeiras vítimas. Vejamos: Josefo elucida uma tal situação para os anos 66-70. Um comandante de guerra judaico, João, foge com sua tropa, levando consigo também toda a população da cidade de Gíscala. Depois de um certo trajeto, torna-se-lhe um empecilho manter as mulheres e crianças na marcha conjunta com o grupo de homens. Ele ordena que os homens as deixem para trás, o que eles também fazem! "Digna de piedade era a perdição das mulheres e crianças, que, colocando as mãos no peito, clamavam a seus maridos e parentes, entre soluços e clamores, para que esperassem por elas" (*Guerra Judaica* 110). Os homens, cada qual andando o mais rápido que podia, vão empurrando as mulheres e crianças para fora da estrada. Esta é a lógica militar-guerreira e de fuga que transparece em Mc 13,17 par.: mulheres, em especial as grávidas, as que amamentam e crianças são tidas como empecilho, pois estas não conseguem acompanhar nem sequer o "pique" das outras mulheres...

É para dentro de situações assim que se pronunciam a bem-aventurança para mulheres sem-crianças e o "ai" para as que têm ou esperam crianças. Este "ai" não é maldição propriamente dita. É choro, é clamor, é expressão de luto. É denúncia da maldita situação, pela qual mulheres e criancinhas estão passando! Mesmo sob clamores e protestos – historicamente renovados – dirigidos aos próprios maridos e parentes/amigos, elas ficam, entregues ao bel-prazer dos inimigos.

Mc 13,17 par. denuncia esta injustiça patriarcal dentro de sua expressão da expectativa apocalíptica, que vale especialmente para mulheres e crianças, pessoas idosas, doentes, pois são exatamente estas pessoas que passam por maiores, até duplos sofrimentos/tribulações (*thlipsis*). Esta lógica de que mulheres grávidas e que amamentam são as primeiras vítimas parece não ser apenas a lógica do (exército) inimigo. Assim também se comportam os homens do próprio povo. Parece-lhes óbvio que, enquanto homens, possuem um certo direito de guerra ou de calamidade que lhes permite um pouco mais de sobrevivência – às custas das mulheres, crianças e pessoas idosas.

Estas experiências de morte para pessoas portadoras de vida não ocorreram apenas durante a "Guerra Judaica". Elas continuam sendo verdade em todos os tempos e lugares onde existem guerras e regimes totalitários. Continuam sendo mulheres grávidas e as que amamentam, bem como os bebês, as vítimas das maiores atrocidades dos inimigos. É o que também expressa Ap 12,4:

"E o dragão parou defronte a mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar a criança que nascesse".

Não importa como interpretamos esta imagem ou linguagem mítica. Importante é também aprendermos a olhar novamente a própria imagem, sua concretude histórica. Ela transpira experiências de gravidez, de parto e de resguardo, bem como experiências de horrores durante este processo. São estas experiências de mulheres que possibilitam e tornam compreensível esta linguagem mítica.

São muitos os exemplos de mulheres grávidas, mulheres que estão para dar à luz uma criança ou amamentando que se encontram na prisão e sofrem torturas. A mulher de Ap 12, de forma apocalíptica, é a memória histórica de todas elas. O mesmo vale para as mártires cristãs Perpétua e Felicidade. Perpétua tinha 22 anos quando teve um filho. Na perseguição ao povo cristão, também ela foi presa. Encarcerada, seu filho lhe foi tirado, quase morreu de fome e ela de inflamação dos seios... Em seguida, foi executada com seus companheiros. Felicidade foi presa junto com Perpétua, estando já no final da gravidez. Na prisão, ela dá à luz uma menina, sob as gozações e ameaças do carcereiro. Ela pôde entregar a menina aos cuidados de sua irmã, antes de ser executada. No nosso continente ficou conhecida a história da boliviana Domitila. Conflitos com o governo ocasionaram a sua prisão e, grávida de oito meses, sofreu as maiores torturas. Ela escreve: "E ele me espancou cheio de raiva. E disse: 'Muito bem. Por sorte esperas um bebê que terás aqui dentro. E neste teu bebê nós vamos nos vingar'. E ele pegou uma faca e começou a movimentá-la diante de meus olhos... E ele me disse que teria muito tempo para esperar a criança nascer e que ele cortaria minha criança em pedaços"[3]. Domitila acaba dando à luz na prisão. Devido à tortura físico-psíquica, teve que ser internada. As torturas e o parto traumático naquela situação deixaram marcas que não são simplesmente curadas. Continuam sendo denúncia e devem ser incluídas nas imagens e falas apocalípticas também de nosso tempo.

2. A análise histórico-crítica, como a que apresenta p. ex. Dagoberto Ramirez F., em RIBLA 7 (1990) 163-179, não considera estas questões fundamentais e especificamente de mulheres, que não apenas remetem para ambiente histórico, mas explicitam, de forma mais profunda possível, a "violência com que se expressa o poder opressor" (p. 177).

3. Moema VIEZZER, citado a partir de Luzia S. REHMANN, p. 144.

3. "A MULHER..., DEPOIS DE NASCIDA A CRIANÇA, NÃO SE LEMBRA DA AFLIÇÃO, POR CAUSA DA ALEGRIA..." (JO 16,21)

Minha mãe sempre me dizia algo semelhante. Quando lhe perguntava sobre as dores, ela falava: "Ah, isto a gente esquece". Mas, de fato, ela não esqueceu, bem como eu ou você não as esquecemos. Elas fazem parte da experiência do parto! Posso dizer que a alegria da vida nova compensa, gratifica os momentos/horas/dias de aflição e dor. Tanto uma quanto a outra deixam marcas profundas, inesquecíveis. A figura escatológica, utilizada por João, resgata experiências de mulheres, mas mostra ser androcêntrica por dois motivos: a) induz a relativizar parte importante de todo o trabalho pela vida nova e porque b) leva mulheres, inclusive até hoje, a sentirem-se (quase que) forçadas a "esquecer da aflição" e a sentirem-se culpadas, quando sofrem sob traumas do parto.

A figura é linda para ilustrar a certeza escatológica. Mas é preciso, a meu ver, olhar atentamente para ela, respeitando e valorizando a experiência subjacente. É preciso conhecê-la, identificá-la e saber como enfrentá-la da melhor forma possível. Pois *sem esta dor, esta angústia, não há vida nova*! Isto é o que também Paulo muito bem expressa em Rm 8. Sem passar pelas dores do parto, sem berrar de dor, sem pressionar... nada acontece. E isto justamente transmite esperança e certeza confiante. Porque esta dor aqui descrita indica para o *fim do trabalho de parto*. Já dá para *sentir, palpar e ver o novo* que está nascendo! Então... é fazer mais força, é clamar alto para possibilitar e liberar forças para que esta nova vida possa acontecer. É a última, ou penúltima, contração, e mostra que vale a pena.

Esta experiência, pela qual passa toda criatura animal, seja como parturiente ou como nascente, é imagem fundamental também para uma *compreensão eclesiológica* que leve a sério as experiências de mulheres. É preciso que a igreja sofra as dores de parto, clame e pressione para que o *novo* seja instaurado neste mundo de Deus!

Gerar, parir, nascer são ações não somente fundantes, mas também fundamentais para a história pessoal, social e inclusive salvífica. Neste processo, a inatividade, a apatia, a não-participação são sinônimos de morte. A dor, as pausas para relaxamento, a força, o grito ou gemido, o pressionar e finalmente o tocar/ver/sentir/afagar etc. são partes integrantes de todo um processo de nascimento de um ser que era esperado, cujos movimentos e palpitações já eram sentidos no útero, mas que agora está aí, de forma até então totalmente desconhecida. Neste processo pessoal e coletivo, a certeza, às vezes ansiosa e angustiada, pode ser, como já foi, transposta para a certeza escatológica.

4. "E SERÁ SALVA ATRAVÉS DO DAR À LUZ..."?!

O tema "gerar", "parir" também se encontra em 1Timóteo. Mas em bem outra compreensão. Quero abordá-lo rapidamente aqui. Esta carta (chamada "pastoral") é totalmente misógina, não apenas aqui em 2,15. Numa época em que mulheres criavam, dentro daquela sociedade patriarcal, outras formas de vida não submissas a homens, esta carta não apenas (res)soa opressivamente sobre a vida de mulheres, mas seus efeitos são perceptíveis até hoje.

"Fiel é a Palavra". Este refrão perpassa 1Timóteo e recorda as promessas salvíficas de Deus, sua Palavra de graça. Ele, no entanto, não é aplicado às mulheres! Nesta carta, elas não são salvas pela graça. Para o autor, elas serão salvas pela e na sua capacidade e condição de pôr filhos no mundo, aliás uma questão de sobrevivência também da igreja. Tento ver a questão positivamente: A partir da realidade de milhares de mulheres, hoje e ontem, as precárias condições de gestação e parto, os sofrimentos e as ansiedades, bem como as alegrias pela participação ativa na criação, posso até dizer 'está bem, ótimo'. Essa talvez seja sua "obra de fé". Mas não é isto que o autor pensa, pois ele *condiciona* esta obra criadora, esta promessa salvífica a uma "obra de santidade máxima" prescrita no final de 2,15, a qual, sem a graça de Deus, nenhum ser vivente é capaz de realizar. Tanto em 2,15 quanto em 5,14, trata-se de uma aplicação interpretativa de Gn 3,16. A visão antropológica da mulher que está no horizonte sócio-teológico do autor da carta é esta da 'mulher caída e castigada' de Gn 3. Assim, o ato criador através das mulheres não mais é visto como doação ou opção, mas torna-se obrigação patriarcal religiosamente requerida e sancionada. Aceitá-la ou rejeitá-la faz parte da nossa liberdade cristã, que considerará também a história opressiva deste texto.

... PARA CONTINUAR A REFLEXÃO

Nós mães, geradoras de vida, co-operadoras da arte criadora de Deus, sabemos o quanto significa a vida de nossas crianças. Por isto não nos expomos à toa ao risco de vida e morte ao gerar e parir uma criança. Queremos e ansiamos profundamente que *vivam*! E assim como fizemos força para que nascessem, assim fazemos e faremos força durante toda nossa vida para que estas crianças (ob)tenham vida digna.

Mães se alegram, trabalham, produzem, brincam, passam noites em claro, ralham, enfrentam filas de INSS e em hospitais, mendigam remédio e pão, exigem atendimento, clamam a Deus... Há que se ouvir e atender suas (or)ações... na terra e no céu! Há que se encarar nossas denúncias que se mostram na nossa vida e morte, bem como de nossas crianças. Crentes e igrejas que não o fazem, já perderam (grande parte de) sua humanidade e sua certeza escatológica. Se não, em conjunto faremos esforços para viver e colocar sinais visíveis do Reino de Deus que se manifesta nas curas, na restauração da vida das crianças e suas mães. Assim, participaremos da formação de uma sociedade justa e saudável, porque sabemos que vidas ameaçadas lutam até a morte, contra a morte, pela defesa da vida!

BIBLIOGRAFIA

Haidi JARSCHEL. Corpo de mulher, corpo culpabilizado, in: *Mandrágora* 1 (1994) 31-39.

Luise SCHOTROFF. *Lydias ungeduldige Schwestern. Feministische Sozialgeschichte des frühen Christentums.* Gütersloh 1994.

Luzia SUTTER LEHMANN. *Geh – Frage die Gebärerin. Feministisch-befreiungstheologische Untersuchungen zum Gebärmotiv in der Apokalyptik.* Gütersloh 1995.

Ivoni Richter Reimer
Alameda Alcides, 102
24230-120 Niterói, RJ